

Organizado por:
Márcio Aragão

IMAGINATIO

Contos e Poemas com Tema Livre



IMAGINATIO

Contos e Poemas com Tema Livre

Organizador: Márcio Aragão

capa

Márcio Aragão

revisão de texto

Márcio Aragão

diagramação

Márcio Aragão

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Imaginatio [livro eletrônico] : contos e poemas
com tema livre / organização Márcio Aragão. --
1. ed. -- Fortaleza, CE : Criativante, 2024.
PDF

Vários autores.
ISBN 978-65-981301-8-3

1. Contos brasileiros - Coletâneas 2. Poesia
brasileira - Coletâneas I. Aragão, Márcio.

24-222713

CDD-B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Antologia : Literatura brasileira B869.8

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos reservados aos respectivos autores. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou copiada por quaisquer meios sem a prévia autorização por escrito do(a)s respectivo(a)s autor(a)s.

Esta obra foi idealizada para ter distribuição GRATUITA em formato digital (PDF). Venda e/ou distribuição em qualquer outro formato são proibidas.

ÍNDICE

Embarque na Estação Ferroviária - por Caio B. Martinelli.....	7
Rarabis, os necessários - por Chico Jr.....	13
A Mulher Perfeita - por Helena Gomes.....	21
Além da Desistência - por Irineia Gomes Costa.....	25
O Dragão Violeta e as Três Fênix - por Marcolongo Ricardo.....	27
Anjo de Luz - por Márcio Aragão.....	39

Nota do Organizador

Olá a você! Antes de mais nada, quero dizer que sou muito grato pelo seu interesse em nosso trabalho! Os autores e autoras aqui presentes foram escolhidos visando o nosso maior objetivo: disponibilizar-lhe textos de qualidade para que tenha um excelente entretenimento! Espero que você também vivencie os momentos únicos e gratificantes que eu vivenciei ao ler estes textos pela primeira vez (e em escrever também, afinal também tenho um poema aqui no livro!). Tenha uma excelente leitura!

Márcio Aragão

Escrever é a maior das liberdades e a melhor das viagens!

Márcio Aragão

Apresentamos o conto:

EMBARQUE NA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA

por

Caio B. Martinelli

Caio B. Martinelli nasceu em Campinas, no ano de 1992. Passou anos em Mogi Mirim antes de se estabelecer em Ribeirão Preto. Acima de tudo é um leitor, porém seu hábito de leitura veio tardiamente. Esses anos todos em abstinência pareceram se reverter em uma forma insaciável de ler. Sua preferência por histórias reflexivas e íntimas, que tratam do personagem como reflexo do escritor, não o impedem de ter grande apreço por ficção científica, fantasia, poesia, histórias em quadrinhos, videogames e todo tipo de histórias contadas. As influências se manifestam em sua escrita, as referências vindo em forma de homenagem e de agradecimento.

Heitor dormia pesado e de forma desconfortável. A madeira do banco da praça não era nova. Pelo contrário, já passara por diversas avarias e a tinta descascada grudava na roupa de quem parasse ali por mais de 20 minutos. De braços cruzados e corpo encurvado, parecia a todo momento que cairia de testa no chão. A praça Rui Barbosa estava completamente vazia, já que nem mesmo os animais noturnos davam as caras por ali. As luminárias, por mais que estivessem em plena força, mal conseguiam combater a intensidade da escuridão na madrugada que se aproximava. O sino da Matriz deu início ao seu badalar, reverberando firme e prolongadamente.

– Meu Deus! – assustado com o som, Heitor finalmente acordara. – Que horas serão agora? – Sacou debaixo da manga do terno marrom um singelo relógio de couro preto. – Cinco para a meia-noite?! Será possível?! – Levantar rápido daquela forma não foi uma boa ideia. Ainda sem despertar por completo, a cabeça tonteou e buscou apoio nas grades da fonte. Nem mesmo ela estava desperta naquela madrugada, sua água parada deixando tudo ainda mais monótono. Após uma boa alongada das suas costas, notou um papel saindo de seu bolso. – Estação Ferroviária. Saída de Mogi Mirim: Meia-Noite. Destino: – Essa parte não compreendeu, pois seu destino estava grafado com uma sequência de números e letras que não lhe diziam nada. – Vou me atrasar! Preciso correr, e correr muito! – Voltou-se para a Matriz, fechou os olhos e colocou as mãos em forma de concha na altura do peito. – Obrigado, São José. – Os sons de seus

sapatos recém engraxados quebravam o silêncio da noite. Nem o sino mais batia. Saiu da Rui Barbosa e disparou por toda a Conde de Parnaíba. As luzes dos postes pareciam tão ineficazes quanto as da praça, e Heitor conhecia de cor todas as lojas da rua, mas a escuridão era tanta que não conseguia enxergar nada além do círculo luminoso projetado no chão, parte na rua, parte na calçada. Não era hora de se preocupar com isso pois, ele sabia, se diminuísse o ritmo com pensamentos inúteis, corria o risco de perder o trem. Com dificuldade, conseguiu consultar as horas:

– 23:57... Só mais um pouco! Que rua interminável! – Não sabia se o sono ainda o afetava ou se a rua era mais longa do que a memória acudia, mas era certo que parecia consideravelmente mais extensa do que o normal.

Um sorriso elegante, bem abaixo do bigode preto e penteado, apareceu assim que os postes iluminaram a pequena rotatória da estação. Era satisfatório ver as bandeiras tremularem naquela noite sem vento.

Vazia e iluminada: assim estava a Estação. Heitor passou pela catraca e ficou de pé, em frente ao local de embarque assim que o relógio virou das 23:59 para 00:00.

– Pontualidade surpreendente a sua! – Tão acostumado com a solidão daquele dia, assustou-se com a voz grossa que vinha de trás.

– Não queria me atrasar, acabei cochilando na praça, estava tão bonito o coral do coreto... Mas peguei no sono, se não fosse o sino da igreja, eu teria perdido a hora.

– O sino? Que horas ele tocou?

– 23:55.

– Hmm, um horário bem incomum para o sino tocar, não acha? – Heitor olhou para o velho com um ar de dúvida. – Mas aqui está você, ofegante e suado. Correu como se sua vida dependesse disso! Sente-se um pouco. O trem está atrasado, vê? Nem sinal dele no horizonte. – O outro espremeu os olhos o mais longe que podia, mas não viu nada.

– De fato, é melhor assim! Melhor ele atrasado do que eu.

– Esses trens não costumam atrasar. Chegam e partem no horário marcado.

– Deve ser um dia atípico... Quem sabe um daqueles dias únicos que ficam marcados?

– Todos os dias são únicos, meu filho. Pontuais ou não, programados ou acidentais... Mas diga-me, para onde está indo?

– Eu... Bem... Não sei dizer ao certo... Esses números e letras aqui não querem dizer nada! E essa dor de cabeça deixa tudo pior.

– Alguma coisa eles significam. Não estão aí à toa. Tente se lembrar para onde está indo.

– Lembrar? Não estou conseguindo, pois minha cabeça dói muito! Na verdade, mal consigo me lembrar de alguma coisa! Você teria uma aspirina? Saberria me dizer o que significam essas coisas, então?

– Lamento, não saberia dizer para onde você vai, só sei que você precisa pegar esse trem. Quanto ao remédio, sim, posso lhe arranjar um, mas não agora.

- “Não agora”? Por que “não agora”? Minha dor está acontecendo neste momento!
- Precisamos saber se você vai embarcar ou não.
- Que diferença isso faz?
- Se você não subir no trem pode ir se recuperar da dor em casa. – Heitor jogou sobre o velho um olhar de fúria. Saiu pela estação procurando alguém para pedir informações. Procurou por um tempo, sempre atento ao trem, mas não encontrou ninguém. Tudo silencioso e vazio, como na praça, como em toda a cidade.
- O que há com essa estação? Sem passageiros nem funcionários!
- Está tarde, só estamos eu e você aqui.
- E para onde você vai, velho gagá? Onde está a sua mala?
- Minha mala? Onde está a *sua* mala? Eu não vou para lugar algum. Estou aqui para conversar, apenas. – As mãos de Heitor massageavam a sua cabeça.
- Era só o que me faltava, um velho louco importunando os passageiros... Minha mala? Onde está minha mala? Ah! – Um forte grito de dor refletia aquela pontada tão intensa que sentira na cabeça. Caiu de joelhos ao lado do banco. O velho, com cara de pesar, apenas olhou para ele sem se mover. – Que dor insuportável! Me dê logo esse remédio!
- Ainda não é a hora... Este trem está bem atrasado... Meia-noite e dez. Acho que alguém não quer que você embarque, não hoje. – Heitor se arrastou até os pés do velho, agarrou a barra de sua calça e suplicou.

– Pelo amor de meu São José, me dê o remédio! Eu quero que essa dor passe! E que passe agora! – Um choro convulsivo tomou conta dele, o som de seus gritos ecoando pela estação vazia. A força com que se contorcia foi amenizando até que cessou por completo. Parecia desmaiado. O velho se levantou e olhou mais uma vez para o horizonte. Com uma feição de lamúria, fez o sinal da cruz, rezou e, com os olhos marejados, ajudou Heitor a se sentar no banco.

– O trem está vindo e está na hora de fazer essa dor passar. Abra a boca. – Assim que Heitor engoliu o remédio, o trem parou. Como num estalo, o passageiro estava revitalizado.

– Puxa! Que milagroso esse remédio! Vou precisar do nome dele para próxima vez que sentir isso...

– Não haverá próxima vez. Adeus. – Apertaram as mãos de forma fraternal. Heitor colocou a cabeça pela janela e perguntou como o velho se chamava.

– Nome? Eu tenho muitos nomes, mas isso não faz diferença agora.

– E você não vem? Não vai para lugar algum?

– Não, eu não posso ir, eu tenho que ficar aqui, na estação ajudando pessoas como você a embarcar para seu destino. Adeus, Heitor. Bom descanso.

Apresentamos o conto:

RARABIS, OS NECESSÁRIOS

por

Chico Jr.

Francisco Azevedo Costa Júnior, o Chico Jr, é natural do Rio de Janeiro. Em 2024 completou 54 anos. Contador de ofício e de histórias é autor do Livro de poesias Exorcismos do Pensamento e do Livro Mistério no Edifício Twin Towers SP, além de participação em diversas antologias no Brasil e no exterior.

Em uma galáxia muito distante localizada na borda do universo conhecido, existe um planeta de nome Soberbus. Sua semelhança com a terra e com o nosso sistema solar é enorme, não fosse à existência de um grande buraco negro que vem consumindo de forma acelerada toda a matéria da sua galáxia. Soberbus, como o planeta terra, possui uma exuberante diversidade de fauna e flora que está fadada a desaparecer tragada pelo horizonte de eventos do Buraco Negro. Os cientistas soberbianos estimam não mais de 10 anos para que a completa extinção seja consumada.

O planeta ao longo de suas eras geológicas evoluiu de uma forma a contribuir para o surgimento de duas espécies distintas, os Rarabis e os Dheions, se destacassem como espécies dominantes. Uma peculiaridade os une. Eles evoluíram de uma mesma matriz genética antepassada, os Dualistas, considerada divina por ambas as espécies.

Em algum momento da evolução uma mutação dividiu os Dualistas nas duas espécies que atualmente predominam no planeta. Aos Rarabis consolidou-se a predominância das vicissitudes e das más inclinações como características da espécie. Já em relação aos Dheions as virtudes se transformaram na principal característica.

A história de Soberbus mostra que pouco a pouco as espécies foram se colocando em lados opostos de convívio. Apesar de ambas serem soberbianas, ao longo do tempo os Rarabis foram se tornando a casta dominante do planeta.

Seriam as vicissitudes e as más inclinações características que levam indivíduos a tomar para si as rédeas do poder?

Aos Rarabis, por serem detentores do poder, coube à narrativa da “verdade”. Não importa o que se diga, se ela passar a ser repetida por muito tempo, mesmo que falaciosa, acaba por se transformar em algo crível. E sobre a perspectiva da verdade dos Rarabis foi imposta aos soberbianos um sistema sócio religioso baseado no culto a autossatisfação eterna baseado num código ético e moral dogmático que chancelava e impunha a superioridade Rarabis ante aos seus irmãos Dheionianos. Por todo o compêndio dos textos sagrados soberbianos constavam citações que validavam a condição de inferiores dos Dheions ante aos Rarabis. Para os Dheion era dito nos textos que o sua missão de vida era servir aos Rarabis, os “escolhidos” dos Dualistas.

Desde sempre, por gerações em gerações, foi transmitida a narrativa de que os Rarabis eram os verdadeiros filhos dos deuses de Soberbus. Algo que nem sequer mais era questionado. Em Soberbus era predominantemente aceito que os Dheions foram criados pelos Dualistas com a missão de servir. O que transformou a vida destes irmãos soberbianos oprimidos um verdadeiro calvário de desafios e humilhações a ser enfrentado todos os dias.

A arrogância, a ganância e o egoísmo típico dos Rarabis os transformaram em seres opressores que ignoravam e negavam tudo que pudesse atrapalhar ou ameaçar o seu estilo de vida. A ilusão da autossuficiência os fez normalizar de forma cotidiana todo o tipo de

abusos contra os Dheions. O exercício de oprimir e ferir o Dheions não enxergava limites. A fim de se satisfazerem tudo era relativizado. Nem mesmo a proximidade do fim dos tempos serviu para que suas crenças dogmáticas fossem repensadas. Pelo contrário. Com a proximidade do fim, uma plêiade de falsos profetas surgiu. Baseados no culto a autossatisfação, esses novos e emergentes líderes religiosos imprimiram um entendimento ainda mais radical os textos sagrados.

Transformando uma significativa parcela dos Rarabis em fanáticos que acreditavam cegamente na fala deles. Falas estas que promoviam um danoso soterramento da realidade, através da disseminação de notícias falsas carregadas de ideias negacionistas conspiratórias.

Seria possível que de alguma forma as gerações de rarabianos aquinhoados pelas benesses dos privilégios tivessem perdido a capacidade de cognição?

Essa característica poderia ser a responsável por transformar uma boa parcela de Rarabis da sociedade soberbiana em distópicos que ao invés de reconhecer, preferiam desacreditar e até mesmo negar os efeitos pré-apocalípticos que já podiam ser sentidos pela aproximação do Buraco Negro?

Tudo indicava que sim. Contudo, na contramão das ideias dominantes em Soberbus, os Dheions percebiam que este era um momento de transição de sua existência e de todo planeta. Eles que sempre cultivaram as virtudes como princípio de vida. Mesmo

sendo os oprimidos, continha em suas fileiras a predominância entre os expoentes da cultura, das artes e das ciências soberbianas.

Haveria nas virtudes algo que impulsionasse um indivíduo na busca do progresso e ao bem comum?

Suposições, apenas suposições... Enfim.

Entretanto, o fato de suportarem a forma dos Rarabis tratá-los não deveria ser confundido como mera subserviência ante ao opressor. Os Dheions eram adeptos de uma filosofia de vida subversiva ao status quo de Soberbus. Eles entendiam que a convivência com os Rarabis era necessária exatamente para prepará-los para o momento que se aproximava.

Foi assim por todo o sempre. Ao invés de buscar o revidé às agressões, eles desenvolveram uma doutrina raciocinada que as tornavam insípidas e sem efeito. Se a ofensa viesse pela direita, eles se esquivavam para o lado esquerdo, mas jamais revidavam.

Encarar os Rarabis como necessários consolidou nos Dheions a certeza que esse era o caminho a ser seguido. Eles nutriam uma certeza que a felicidade não era daquele mundo e esse pensamento se transformou em propósito de vida de se elevar em criaturas valorosas. Longe de ser separatista, o objetivo dos Dheions não era a de se afastar dos Rarabis. Eles precisavam de seus irmãos dúbios de caráter, para vivenciar as experiências que serviriam como ferramenta de lapidação da essência soberbiana.

“O martelo dos opressores não machuca àqueles que perseveram em se manter na retidão”. Esse era um dos pilares da

doutrina Dheion que era seguida à margem da legalidade de Soberbus. Haja vista que a doutrina da autossuficiência dos Rarabis era a única permitida por lei.

Os Dheions buscavam como forma de profilaxia do espírito o dissipar, dissolver, afastar e repelir das suas más inclinações. E assim, dar espaço para o indivíduo cultivar, fazer florescer e preencher com bem-aventuranças o Ser em constante conflito entre as dualidades das vicissitudes e virtudes, e dessa forma, se aproximar daquilo que é Divino. Na constante busca, dia após dia, em passar a escrever o certo mesmo que por linhas tortas. Em síntese esse era o conteúdo dos ensinamentos sagrados dos Dheions.

Os anos foram se passando. O desespero e o caos tomavam conta de Soberbus, principalmente entre os Rarabis. Os efeitos do buraco negro sobre o planeta se tornavam cada vez mais devastadores. Já havia passado o ponto de onde a ciência desacreditada pudesse intervir para salvar Soberbus. O planeta estava prestes a ser consumido pelo gigantesco buraco negro que a essa altura já podia ser avistado de sua superfície. Não havia nada mais a ser feito a não ser observar o planeta ser tragado para dentro do horizonte de eventos do corpo celeste devorador de mundos.

“É chegada a hora da separação do qashar do qamh” essa era a frase que finalizava o texto sagrado dos Dheions.

Será que ela seria a expressão da verdade para descrever o que estava acontecendo com Soberbus?

Afinal, parecia que tudo estava se acabando sem distinção entre o bem e o mal. E mesmo sendo cultivadores das virtudes a duvida e o desalento podia ser sentido no semblante dos Dheions.

E quando, enfim, o ultimo átomo de matéria de Soberbus foi devorado pelo buraco negro. O vácuo, a ausência de luz e uma pressão inimaginável foram tudo o que restou. Tudo havia chegado ao fim.

Os Rarabis e seu culto a autossatisfação eterna sempre estiveram com a razão?

O propósito da vida seria única e exclusivamente cultivar a autossatisfação?

Felizmente para os soberbianos parecia ser que não. No instante depois do fim, de forma surpreendente, iniciou-se um pós-fim. Muitos soberbianos em sua grande maioria Dheions, mas também uns poucos Rarabis, começaram a despertar. Eles acordaram em um planeta com características mais fluidas e etéreas. Inexplicavelmente, de alguma forma muitos sobreviveram à passagem por entre o buraco negro.

Seriam estes sobreviventes, os soberbianos que em sua jornada obtiveram êxito em se libertar da matéria e por isso, mais sutis, conseguiram suportar a passagem pelo implacável buraco negro?

Está aí um mistério sem resposta, mas que ainda poderá ser desvendado pelas futuras gerações de soberbianos. Eles que de forma inesperada e divinal, por algum motivo receberam uma segunda

chance. Haveria a esperança de que nesta nova vida seja possível construir uma nova forma de se relacionar? Talvez um jeito mais harmônico e pacífico de coexistência planetária e social? Só o tempo poderá responder.

Notas do autor:

Rarabichuerba – Bigode de merda. É uma palavra em árabe, onde lá o bigode é o símbolo máximo do homem. Esse termo significa que a pessoa não tem palavra, ou seja, não honra o bigode que tem.

Dheion – Significa o que luta pela a honra, pessoa de garra, o que tem honra. O nome Dheio tem origem no gaélico escocês Dheion.

Gashar – Significa joio em árabe.

Qamh – Significa trigo em árabe.

Apresentamos o conto:

A MULHER PERFEITA

por

Helena Gomes

Helena Gomes nasceu em Santos, no litoral paulista. Formada em Jornalismo e com pós-graduação na área de Educação, trabalhou como diagramadora, repórter, editora, assessora de imprensa, professora universitária, revisora e preparadora de originais. É autora de mais de cinquenta livros, com obras adotadas por colégios e selecionadas por programas como PNLD e Biblioteca Itaú Criança. Vencedora do prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) 2019 — Produção 2018 na categoria Reconto (livro escrito em parceria com Susana Ventura), foi quatro vezes finalista do Prêmio Jabuti, tendo títulos que receberam o Selo Altamente Recomendável da FNLIJ, foram selecionados pelo Clube de Leitura dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas (ONU), nas categorias Igualdade de gênero e Paz, justiça e instituições eficazes, e escolhidos para representar a literatura brasileira no Catálogo da FNLIJ para a Bologna Children's Book Fair e na Machado de Assis Magazine para o Salão do Livro de Paris. Mais informações em www.esritorahelenagomes.com.br

Certa vez, um rei conheceu a mulher perfeita.

Ela nasceu de seus sonhos, do desejo profano de alcançar o paraíso.

...

Aquela seria mais uma noite em que o rei estaria sozinho no leito, no sono que escondia a dor de tanta solidão. Foi quando, em algum momento da madrugada, ele despertou ao ouvir uma voz doce e feminina, palavras de amor que a mulher jamais confessaria se não estivesse oculta pela escuridão do quarto.

O rei permitiu que ela se aproximasse, aceitou suas carícias doces, as mãos que não demoraram a lhe acender a volúpia, perdida numa vida sem prazer.

Nas sombras, ela iniciou a transformação que deveria mudá-lo para sempre. Chamou seus sentidos adormecidos, cultivou a vontade de possuir sem exigências, apenas pela vontade de provocar a paixão. O rei cedeu à mulher misteriosa, um ser celestial que lhe revelava a felicidade impossível, o ato mais sublime da existência humana. Amou como nunca pôde amar antes.

Na noite seguinte, ela retornou, provando que ele não fora vítima de uma ilusão. Acordou-o com um beijo selvagem, úmido, ardente. Fogo em labaredas infernais. Uma criatura farta em curvas, de pele macia, cheiros picantes e irresistíveis. Seus corpos uniram-se novamente, suados, extasiados.

Quando a manhã nasceu, ele reencontrou a realidade sem sonhos, deserta, doída.

A mulher não estava mais no leito.

Desesperado, o rei mal viveu o dia. Foi a noite que lhe trouxe a saciedade e o vício por mais saciedade.

– Quem és? – perguntou ele, lutando contra a vontade de esquecer as palavras. Elas jamais importariam, na verdade.

– Não tentes descobrir – disse a voz sedutora da amante.

Ele esqueceu a curiosidade nas noites que vieram em turbilhões inesgotáveis. Mas também em pausas que lhe permitiam descobrir uma mulher atenciosa, inteligente, companheira. Alguém que o amparava no desabafo, que o aninhava junto a si quando ele desejava somente carinho.

– Preciso saber quem és... – insistia ele.

– E para quê? Não somos felizes assim?

Eram. O rei, no entanto, queria mais. Queria a rainha para exhibir ao povo, a mãe que lhe fizesse um primogênito, a esposa que o completasse durante o dia. Uma joia. E rara.

Apesar de nunca a ter visto sob a luz, sabia que sua amada era linda, jovem e irresistível. As mulheres iriam se morder de inveja e os homens teriam dificuldade em esconder seu desejo por ela.

Após meses vivendo no mistério, uma noite o rei escolheu desvendá-lo.

Sob o seu corpo, ele aprisionou a mulher tão logo o desejo lhe deu uma trégua. Faltava pouco para amanhecer.

– Solta-me, por favor! – ela implorou, em pânico.

O rei não cedeu. Esperou pacientemente que o sol invadisse a janela do quarto, que percorresse aos poucos o longo caminho até o leito.

Então ele a reconheceu.

Nem anjo, nem demônio. Tampouco havia perfeição, beleza, talento, magia, paixão e sonho.

Jamais existiria o paraíso.

A mulher que o fitava, apavorada, era a viúva do cozeiro, uma plebeia que sobrevivia limpando as fossas do castelo. Alguém de aparência comum, sem atrativos, mais velha e acima do peso.

Tomado pela fúria, o rei expulsou-a da cama. Não enxergou nada além da própria humilhação. O que diriam dele? Ah, quantas risadas maldosas ouviria pelas costas? Duvidariam de sua sanidade para governar, zombariam de seu mau gosto e, pior, continuariam lembrando o assunto mesmo depois de sua morte!

O castigo veio pelas chibatadas cruéis que a viúva recebeu naquela manhã, na praça diante do castelo. Cercado pelo povo, o rei fez questão de assistir ao trabalho eficiente do carrasco.

No final do dia, a morte resgatou a mulher perfeita antes que a escuridão a escondesse dos olhares curiosos.

E de um rei que voltaria a se alimentar apenas de sonhos.

Apresentamos o poema:

ALÉM DA DESISTÊNCIA

por

Irineia Gomes Costa

Nascida sob o sol do interior, Irineia traz consigo o encanto das palavras e a paixão pelas histórias. Com olhos curiosos e alma inquieta, ela tece narrativas como quem borda um quadro, misturando realidade e fantasia em um tecido único. Seus versos são pontes para outros mundos, onde a imaginação dança livre e a poesia encontra morada.

Na jornada da vida, desafios surgem,
E o peso do fardo parece dobrar.
Mas em meio às tempestades que se insurgem,
Lembre-se sempre: desistir não é o lugar.

Caminhos tortuosos podem se apresentar,
E a esperança vacilar em seu coração.
Mas erga-se com força, sem vacilar,
Pois desistir não é uma opção.

A determinação é sua aliada fiel,
A coragem, sua luz na escuridão.
Mesmo quando tudo parecer cruel,
Lute, insista, não abandone a missão.

Os obstáculos podem parecer sem fim,
Mas dentro de você há uma chama acesa.
Com resiliência e fé, siga além do jardim,
Pois desistir nunca será a sua defesa.

Em cada passo dado, em cada decisão,
Mantenha viva a chama da persistência.
Pois no final da estrada, com convicção,
Verá que desistir não vale a pena, é uma ilusão.

Apresentamos o conto:

O DRAGÃO VIOLETA E AS TRÊS FÊNIX

por

Marcolongo Ricardo

Nascido e criado em Suzano-SP, é formado em Sociologia, Antropologia e Ciências Políticas, atualmente cursa Direito. Escreve poesias desde os 8 anos, inspirado por uma matéria sobre a morte de Carlos Drummond de Andrade. No dia seguinte, começou a escrever, sempre incentivado pelos pais. Com o apoio de professores, participou de diversos concursos de poesia em sua cidade.

Além de poeta, é também artista digital, criando quadros abstratos com o lema "no abstrato encontro minha realidade." Já participou de exposições em Lisboa e em galerias virtuais. Recentemente, aventurou-se no mundo dos contos, uma nova paixão.

No dia a dia, aprecia tudo relacionado à cultura pop e geek, o bom e velho rock 'n' roll, música celta e medieval, ópera e outros gêneros menos comuns.

Nas primeiras eras após a formação de Gaia, milhares de anos antes dos primeiros seres humanos, o planeta era habitado por criaturas míticas, das mais variadas espécies e com poderes ilimitados.

Havia um grande vulcão, nominado Vesúvio, rodeado de florestas densas de ciprestes e pinheiros que cobrem as encostas inferiores do monte, entremeadas por clareiras repletas de flores silvestres que aparecem brilhar com uma luz etérea. Surgem oliveiras e videiras primarias, cultivadas por deuses menores da agricultura que habitam a região.

Pequenos riachos de água cristalina fluem pelas colinas, suas águas sussurrado melodias. Esses cursos d'água são protegidos por ninfas aquáticas, que garantem que a água seja sempre curativa.

Em alguns pontos, gêiseres de lava brotam do solo, lançando chamas e fumaça. Espíritos de fogo, conhecidos como Salamandras, dançam ao redor, alimentando-se do calor e da energia vulcânica.

As cavernas espalhadas pelas encostas do Vesúvio são repletas de cristais coloridos e brilhantes que emanam uma luz mística. Estas cavernas são guardadas por dragões adormecidos e criaturas mitológicas, que protegem relíquias e o equilíbrio de Gaia.

Pequenas aldeias de casas de pedra com telhado de palha estão espalhadas pela base do monte. Os habitantes são seres míticos que vivem em harmonia, celebrando festivais em honra aos deuses do fogo, terra, água e ar.

Templos em honra ao fogo e vulcões estão situados em pontos estratégicos. Esses templos são feitos de pedra negra e adornados com estruturas que representam as forças da natureza.

O céu ao redor do Vesúvio frequentemente se tinge de vermelho e laranja ao entardecer, refletindo a atividade vulcânica. Nuvens de fumaça criam padrões místicos no ar, que os oráculos interpretam como mensagens dos deuses.

Quando o Vesúvio entra em erupção, a lava que flui parece ter vida própria, formando figuras efêmeras de animas e seres mitológicos. Durante essas erupções, a terra treme e cânticos ecoam pelas montanhas, como se a própria Gaia estivesse cantando.

Dentro do coração ardente do Vesúvio, viveu um Dragão chamado Flammacor, cujo poder vulcânico é equilibrado entre pela pureza de seu coração. O lar deste majestoso dragão é um reflexo de

sua natureza dual, um lugar de majestade e serenidade dentro da fúria vulcânica.

A entrada para a caverna é um túnel íngreme de lava solidificada, com paredes brilhando em tons de vermelho e laranja, ainda irradiando calor residual. Estalagmites e estalactites de obsidiana pontilham o caminho, refletindo luz suave das lavas que escorrem lentamente.

Ao adentrar o salão principal, a imensidão do espaço impressiona. Este salão vasto é dominado por um lago de lava borbulhante, cujas ondas suaves emitem uma luz incandescente que ilumina o ambiente. Pilares de rocha vulcânica esculpido pela própria natureza sustentam o teto abobadado, formando arcos majestosos.

No centro do salão, sobre uma elevada rocha polida, encontra-se o trono de Flammacor, esculpido em basalto negro e adornado com cristais de quartzo que brilham como estrelas. Este trono simboliza sua autoridade e poder, mas também a clareza e pureza do seu coração.

Atrás do trono a um jardim místico onde cristais de diferentes cores e tamanhos crescem diretamente das paredes e do chão. Estes cristais emanam uma energia pacífica e pura, refletindo a bondade do dragão. Algumas dessas formações cristalinas possuem propriedades curativas, criando um ambiente de serenidade e cura.

Ao lado do salão principal, uma passagem leva a uma sala de meditação. Este espaço é preenchido por um silêncio profundo, apenas interrompido pelo som suave de uma cachoeira de lava que cai delicadamente em uma piscina de águas termais. Este ambiente é onde Flammacor medita e se conecta com a pureza de seu ser interior, mantendo o equilíbrio entre seu poder e sua bondade, e onde escreve seus pergaminhos com histórias e conhecimentos.

Uma biblioteca esculpida na rocha abriga pergaminhos, contendo conhecimentos sobre o mundo, magia e o primeiro Livro do Amor. As paredes da biblioteca são revestidas de mármore vulcânico branco, contrastando com a escuridão do restante da caverna, simbolizando a luz do conhecimento e da sabedoria.

Artefatos de todos os seres, oferecidos em tributo ao dragão, estão espalhados pelo espaço, incluindo estátuas, mosaicos e vasos

decorativos. Estes objetos não apenas decoram o ambiente, mas também contam a história da relação entre Flammacor e os seres que vivem nas sombras dos vulcões.

Contudo apesar de todo o majestoso poder por três vezes o Dragão Flammacor foi enganado, vivendo uma grande tristeza que esconde no coração.

A Fênix de Fogo, chamada Nefertari era uma criatura deslumbrante e enigmática, cujas penas brilhavam com um fogo dourado e escarlate. Seus olhos, de um verde profundo e hipnotizante, refletiam uma sabedoria inigualável e uma frieza calculista, que contrastava com a intensidade ardente de seu corpo. Nefertari possuía um porte majestoso, movendo-se com uma graça etérea e uma aura de poder inigualável.

Ela tinha um bico afilado e enormes garras, que simbolizavam sua capacidade de atacar e defender-se com precisão letal. Suas asas enormes, ao se abrirem, pareciam envolver o céu em chamas, deixando um rastro de brasas no ar. No entanto, a verdadeira arma de Nefertari era sua mente astuta e manipuladora.

Com um olhar penetrante, a Fênix de Fogo cativou o coração do dragão, apesar de ser uma criatura imponente e poderosa. Ela usou sua beleza e seu charme para enredá-lo em uma teia de ilusões e promessas. Suas palavras eram doces como mel, mas carregavam um veneno sutil que corroía a confiança do Dragão. Ele se apaixonou perdidamente, acreditando nas juras de eternidade e fidelidade que Nefertari lhe sussurrava.

No entanto, por trás de sua fachada encantadora, a fênix era fria e calculista. Ela via Flammacor apenas como uma peça em seu jogo, um meio para alcançar seus próprios fins. Quando o dragão enfrentou seu momento mais sombrio, cercado por inimigos e necessitando de apoio, a Fênix de Fogo revelou sua verdadeira natureza. Sem uma sombra de hesitação, ela o abandonou, deixando-o vulnerável e desolado.

Um tempo passou e o passou e o grande Dragão conheceu a Fênix das Águas de nome Yelizaveta uma criatura de uma beleza etérea e sedutora, suas penas brilhavam com tons de azul profundo, turquesa e prata, refletindo a luz como as ondas cintilantes do oceano. Seus olhos eram como esmeraldas líquidas, cheios de

mistério e profundidade, capazes de cativar qualquer ser que ousasse cruzar seu caminho.

Com um porte elegante e movimentos fluidos, a Yelizaveta exalava uma calma serena, como um lago tranquilo em uma manhã de verão. Suas asas, ao se abrirem, pareciam ser feitas de água em constante movimento, sempre mutáveis, sempre ilusórias. Ela tinha um bico delicado e garras afiadas, mas suas verdadeiras armas eram sua astúcia e sua habilidade de manipulação.

Ao conhecer o Dragão, uma criatura de poder bruto e feroz, Yelizaveta rapidamente viu uma oportunidade. Com sua voz suave e melancólica, ela se apresentou como uma alma frágil, perseguida pela tristeza e pelas marés implacáveis de seu passado. Flammacor, cativado por sua beleza e tocado por sua aparente vulnerabilidade, abriu seu coração para ela.

A Fênix das Águas, com seu olhar triste e voz sussurrante, teceu uma teia de histórias trágicas e pedidos de ajuda, fazendo o Dragão acreditar que ela era uma vítima do destino cruel. Ele, tomado por um desejo de protegê-la e curar suas feridas, dedicou-se

a ela com devoção e força. Porém, por trás de seu exterior frágil, Yelizaveta era uma manipuladora calculista, fria e impiedosa.

Ela usou cada oportunidade para explorar a bondade e o poder do Dragão, sempre fingindo gratidão e amor, enquanto secretamente planejava sua próxima jogada. Seus olhos que pareciam cheios de lágrimas, escondiam um brilho cruel e astuto, calculando cada movimento para manter o Dragão sob seu controle.

Quando Flammacor enfrentou seus maiores desafios e precisou desesperadamente de apoio, a verdadeira natureza da Fênix se revelou. Com um último olhar de falsa tristeza ela o abandonou, deixando-o sozinho e devastado.

Enquanto o Dragão lutava com a dor da traição e a sensação de desamparo, Yelizaveta deslizou suavemente para longe, sua fachada de fragilidade desmoronando para revelar a fria indiferença em seu coração. Ela continuou sua jornada, sempre em busca de novas presas para manipular, sua beleza aquática ocultando a verdadeira crueldade de sua alma.

Um dia enquanto saía do Vesúvio, avistou próximo a um monte um ser magnífico, era a Fênix do Ar, Arianrhod a mais bela e

majestosa de todas as criaturas aladas, com penas que brilhavam em tons iridescentes de azul celeste, prateado e dourado, refletindo a luz do sol como um prisma em movimento constante. Seus olhos, de um castanho profundo como turmalinas, guardavam a sabedoria de eras incontáveis e uma inteligência incomparável. Ela possuía o melhor coração, conhecia todos os cantos de Gaia desde sua formação, e seu amor pelo Dragão era puro e verdadeiro.

Desde tempos imemoriais, a Arianrhod e Flammacor compartilharam aventuras épicas, explorando juntos os mistérios e maravilhas do mundo. A Fênix, com sua capacidade de voar até os mais altos céus e deslizar pelas correntes de ar, guiava o Dragão com graça e precisão. Suas risadas ecoavam pelos vales, e seu companheirismo se tornava cada vez mais forte com cada desafio superado e cada segredo desvendado.

Porém, apesar de seu amor profundo por Flammacor, a Arianrhod carregava dentro de si enormes dores e traumas, cicatrizes invisíveis que a atormentavam. Ela temia revelar completamente seus sentimentos, receosa de que suas feridas pudessem magoar o

Dragão ou afastá-lo. O medo e a dor se entrelaçavam em seu coração, criando uma barreira que ela não conseguia transpor.

Em um dia fatídico, enquanto voavam juntos até a mais alta montanha de Gaia, a Arianrhod sentiu o peso de suas dores aumentar. Com lágrimas nos olhos, ela pediu para Flammacor que esperasse, explicando que não estava bem e que precisava de tempo para se curar. Ela prometeu que voltaria quando estivesse pronta, para que pudessem viver felizes juntos. O Dragão, com seu coração cheio de amor e compreensão, assentiu e se instalou na montanha, acreditando nas palavras da Arianrhod.

Mas o tempo passou, e 19 eras se sucederam sem que a Arianrhod retornasse. O Dragão, fiel à sua promessa, esperou pacientemente, mas a ausência prolongada de sua amada lhe trouxe uma tristeza profunda e desoladora. As lágrimas começaram a cair de seus olhos, primeiro lentamente, depois em um fluxo constante de dor e saudade.

Essas lágrimas, carregadas do amor e da tristeza de Flammacor, formaram os oceanos que cobrem Gaia até hoje. Cada gota representava a profundidade de seu sofrimento e a imensidão

de seu amor. As águas dos oceanos refletiam a história do Dragão e da Fênix do Ar, um testemunho eterno de uma promessa não cumprida e de um amor que transcendeu o tempo e o espaço.

Arianrhod, embora ausente, nunca esqueceu Flammacor. Em seu exílio autoimposto, ela lutava contra suas dores e traumas, esperando o dia em que pudesse finalmente retornar e cumprir sua promessa. O amor dela pelo Dragão permanecia inabalável, uma chama eterna que ardia em seu coração, guiando-a através das sombras e da escuridão.

E assim, a lenda do Dragão Violeta e a Fênix do Ar perdura, um conto de amor, dor, e esperança, onde as lágrimas de um Dragão apaixonado formaram os oceanos e a espera de uma Fênix marcada pelo sofrimento continua a inspirar gerações em Gaia.

Apresentamos o poema:

ANJO DE LUZ

por

Márcio Aragão

Márcio Aragão é um escritor e jornalista sergipano, radicado em Fortaleza-CE. Participou, dentre outras, das antologias “Anno Domini – Manuscritos Medievais” (2008), “Solarium” (2009), “O Uivo do Lobo” (2023), “Contos e Poemas Assombrosos Vol. VII” (2023), “A Casa da Bruxa” (2023), “Contos e Poemas de Suspense e Terror” (2024) e “Contos e Poemas de Ficção Científica” (2024), tendo também publicado os livros “O Último Imortal” (2005), “Guardiões do Universo” (2009) e “Guardiões do Universo: Gênese” (2023).

Quando te encontrei
Mal acreditei
Sim, um anjo eu achei!

Voz musical
Alguém sem igual
Beleza angelical
És um anjo, afinal!

Um anjo de amor
E de imenso valor
És preciosa
Uma alma bondosa

Gema polida
Pessoa preferida
Valor imensurável
Sempre amável!

És bem-vinda
Minha pessoa querida
E te digo com fervor
Ao meu coração enche de calor!

Este *eBook* é uma produção da editora Criativante. Para saber mais a respeito do nosso trabalho, por gentileza acesse o nosso site www.criativante.com.br, ou o nosso instagram: @criativanteeditora

Quer entrar em contato conosco para enviar seu conto, poema, livro, ou mesmo para obter maiores informações? Nosso e-mail é contatocriativante@gmail.com . Espero que tenha apreciado a leitura deste livro! Até a próxima!

Atenciosamente,

Márcio Aragão
Editor-Chefe
Criativante